

A criança no século XXI

Fátima Sarmento

Qual o lugar da criança neste século?

O aumento da incidência de infanticídios, notadamente com crianças adotadas, da criminalidade infantil, da pedofilia, da participação de jovens em crimes organizados, da difusão do uso de drogas, vem denunciar que há, por um lado, na contemporaneidade, efeitos de um gozo que caminha sozinho e, por outro lado, há um deslocamento do estatuto da criança do lugar de ideal, como acontecia na família tradicional, para o lugar de objeto de gozo do adulto. Ademais, esse lugar reservado para a criança já havia sido profetizado por Lacan¹ desde a década de 60. Lacan previu ainda que o progresso da ciência levaria a uma segregação. Isto pode ser hoje comprovado através do interesse da ciência e do mercado em criar uma linguagem universal do sintoma, como mostra o Manual Estatístico de Diagnóstico (DSM).

No outro extremo, surge na atualidade a criança amada, buscada a qualquer preço. Trata-se, conforme a psicanalista Sílvia Ons², de um fenômeno considerado como um verdadeiro “empuxo a ter um filho”. Esse “empuxo a ter uma criança” parece não conhecer barreiras de sexo, de idade ou de orientação sexual. Na ausência de parceiro, ou com parceiro do mesmo sexo, a ciência suprirá o impedimento. Nessa direção, Laurent³ salienta que hoje o nascimento de uma criança se libera da existência da família a tal ponto que a própria criança cria a família, no lugar de ser criado por ela. Se antes, era preciso uma família para fazer aparecer um sujeito, hoje ocorre uma inversão – o aparecimento da criança é o que cria a família. Isso está em conformidade com a idéia sustentada por Lacan⁴ da criança como “o objeto a liberado”.

O controle do comportamento humano se constitui hoje como o futuro programa social do século XXI e isto, conforme Tarrab⁵, deve-se ao fato do sintoma e da angústia serem intoleráveis para a sociedade da eficiência. Assim, face à infância difícil, é o paradigma da solução química que se impõe. Crianças super medicadas em função da apresentação de “distúrbios”, educadores que se lançam a dar diagnósticos pela simples observação do comportamento, fazem parte do cotidiano escolar. Os “distúrbios” como déficit de atenção (DDA), com ou sem hiperatividade (TDAH) não chegam a se constituir como sintomas, uma vez que servem para velar o mal estar e a angústia. Para Ansermet⁶, o que está no coração desses dois “distúrbios” é a entrada em jogo do “mais de gozar”, por meio dos objetos *gadgets*, que prometem um gozo imediato que termina por transbordar o sujeito. Trata-se de escapar à lei do tempo, para conservar tudo, tornando possível uma recuperação de um gozo perdido. Esse autor enfatiza que esses “distúrbios” não são sintomas, mas, sim, sistemas de gozo nos quais o sujeito se aliena em eco à cultura na qual se encontra imerso, submerso.

Para a psicanálise, esses “distúrbios” devem ser escutados como signos de gozo de um sujeito que responde as novas ofertas da ciência. Tendlarz⁷ assinala que as crianças portadoras desses “distúrbios” padecem de uma dificuldade na operação de separação, o que retorna no real do corpo da criança como uma agitação maníaca. A falha simbólica dá lugar ao excesso que aparece no corpo, impedindo que a criança mantenha a atenção para concluir as suas tarefas.

Uma questão se coloca para o analista na atualidade: como tirar a criança desse lugar de objeto do Outro e do qual ela condensa gozo, para fazer aparecer um sujeito? Ao considerarmos que os sintomas da criança passam pela relação com o Outro, dois aspectos dessa relação merecem ser destacados: o poder desse Outro e as dificuldades de separação.

A criança como objeto de saber e o Outro asfíxiante

Há na atualidade uma verdadeira guerra de discursos em matéria de educação. Enquanto objeto de saber, a criança não é escutada e nem tomada como ser falante. Uma concorrência de saberes, uma rivalidade de tradições, uma luta de transmissões, disputam o saber sobre a criança. Trata-se aqui de um saber como manifestação de poder. Frente a isso só resta à criança apresentar novos sintomas, na tentativa de denunciar esse poder do Outro sobre ela. Zuliani⁸ chama a atenção sobre uma intervenção feita por Miller em 2011, em Paris, onde este enfatiza necessidade de ler os sintomas da criança sob outro ângulo que não o da relação com o saber, reduzido à escolaridade, mas como o resultado da relação problemática com as manifestações do poder, isto é, com o Outro. Diante de um Outro asfíxiante é preciso fazer a criança recuar a fim de devolver-lhe a respiração. Como ilustração Zuliani⁹ se reporta à canção de Souchon que coloca um binário: existe o dia, existe à noite. Ele aponta que Lacan se remete a esse binarismo no seminário sobre “As psicoses” para demonstrar que a realidade é de início marcada pelo aniquilamento simbólico. Dia e noite são muito cedo códigos significantes e se articulam com a presença e ausência. A canção de Souchon diz: o dia é a escola: calar, organizar, fazer deveres, entediar-se. A noite são os sonhos, o vazio e a decisão de cada um. Zuliani aposta que o sonho pode ajudar um sujeito a reencontrar um horizonte, o do desejo. É desta maneira que se pode compreender a respiração permitida a uma criança. É preciso dar condições para que esta se defronte com o desejo, para que seja sujeito de seu próprio destino.

Em outro momento, Zuliani¹⁰ adverte que nesse desespero para saber como educar uma criança, pode surgir a receita para uma educação suicida. Ele faz alusão à existência de um manual dedicado à educação infantil, intitulado - “Como educar uma criança”. Esse título, que não contém uma interrogação, faz um grande sucesso entre os cristãos, principalmente os adeptos do ensino em casa. É da autoria de um pastor americano e foi reeditado recentemente, provocando muita polêmica nos Estados Unidos, pelo fato de ter sido constatado a morte de várias crianças cujos pais haviam lido a tal obra. O livro dá conselhos educativos, ensina como se portar, particularmente quando se trata de bater numa criança desde os seis meses de vida. O pastor ensina como corrigir os maus comportamentos, utilizando-se de uma boa mangueira de plástico de no mínimo 35 cm - a famosa “vara” - que tem a vantagem de poder ser enrolada e colocada no bolso. Trata-se, segundo o pastor, de um instrumento, suficientemente maleável para não prejudicar os músculos e os ossos. A obra conseguiu dividir a sociedade americana sobre o problema dos castigos físicos e da educação: cristãos conservadores de um lado, pais e pediatras modernos de outro.

Zuliani ainda chama a atenção sobre dois casos destacados em um artigo que comenta o livro: no primeiro um casal decide fazer, por conta própria, a escolarização dos filhos. Após adotarem duas crianças descritas como rebeldes, uma das garotas foi encontrada morta. Ela era chicoteada regularmente, e no dia de sua morte, havia apanhado com a famosa “vara”. A mãe teria gostado muito do livro do bom pastor e teria até dado um exemplar para uma amiga. No segundo caso uma garotinha de sete anos, adotada, foi também encontrada morta, em decorrência das “correções”. A questão levantada por Zuliani é: a criança adotada é ela, mais do que qualquer outra, um exemplo daquilo que se recusa, num sujeito, a formar família?

Há uma grande distância entre a Educação e a Psicanálise. Se a educação de uma criança tem como objetivo a produção de um sujeito “modelo”, o encontro com um analista, ao contrário, pode permitir a uma criança entrar no discurso analítico, onde seu saber é respeitado. Desde muito cedo Freud já se interessava pela psicanálise aplicada e esse interesse é resultado da sustentação de um diálogo com as diversas áreas do saber, que chegou a ser interpretado como uma tentativa de psicanalisar a educação. No entanto, Freud já estava advertido de que o saber, diferentemente de como pensava a educação, não era uma resposta natural ao que era ensinado. Na sua genialidade ele já havia dado ao saber um lugar próprio, separado da consciência. O saber, para a psicanálise, é um saber que não se sabe e que está inscrito na pulsão. A todo o momento, o professor tem que lidar com essa força consistente, que não se educa e que busca satisfação. Assim, Freud identifica um elemento intransponível na educação, na arte de governar e de psicanalisar, o que lhe permitiu colocar essas três profissões na categoria de impossíveis.

Di Caccia¹¹ admite que só na segunda clínica de Lacan surgiram instrumentos para diferenciar a ação do pedagogo do ato do psicanalista. Enquanto a educação se apóia sobre a aquisição de um saber e permite à criança proteger-se do gozo pela identificação, a operação analítica é de outra ordem. Não se trata da construção do eu, nem da aquisição de um saber. Uma criança pode ser um analisante integralmente e uma análise compete ao domínio do sujeito e não do eu. O analista não responde do lugar de um educador, pois ele permite à criança dizer não a se fazer objeto, particularmente do Outro materno.

As dificuldades com a separação

Enquanto, no primeiro ensino de Lacan, o Outro ocupava um lugar de destaque, nesse último ensino, o Outro é destituído, seu lugar deve ser buscado no corpo e não mais na linguagem. Assim, o Outro é o corpo. Como entender isso? Ao nascer, a criança se defronta com os cuidados maternos que lhe impõe a entrar na língua materna, que Lacan denominará no seu último ensino de gozo de alíngua, que difere, portanto, da linguagem. Isso significa que a criança ao aprender a falar, vai se apropriar da linguagem como instrumento de gozo e não para se comunicar. Isso nos leva a considerar que se a criança aprendeu a falar, foi por ter sido falada. Nesse sentido, o ser falante provém apenas da dimensão do que é dito. O inconsciente é o que resta como efeito desse Outro no corpo. Isso tem repercussões na clínica, considerando que o analista vai voltar a sua escuta para a relação da criança com seu corpo. Diferentemente de ser um corpo, o que está em jogo aqui é a idéia de que a criança tem um corpo.

Se o Outro não existe, o real, ele sim, existe. Miller¹² baseando-se em Lacan, declara que o real que está no nível da existência, é o Um, é o significante Um que se encarna no corpo e se inscreve como letra de gozo. O Um se imprime sobre o corpo e introduz um distúrbio de gozo, ou seja, provoca um acontecimento, instaurando a partir daí uma fixação e uma repetição. Esse gozo, conforme Miller¹³, não é primário, mas é primeiro em relação ao sentido que o sujeito lhe dá. Há um gozo fixo a partir do qual os significantes vão deslizando, se movimentando, até possibilitar uma metáfora na vertente do sentido, ocorrendo um ordenamento, a introdução de uma lei.

A criança não nasce sujeito, ela cai no mundo como objeto, como resto de uma parceria e, no caso da neurose, vai ocorrer o que Miller¹⁴ considera como mergulho do Um no Outro. Para ser sujeito é preciso que a criança seja adotada pela via dos cuidados e do amor do Outro. O que fisga o sujeito é aquilo que é dito na família, e o singulariza. É disso que a criança, como qualquer sujeito, sofre. Esse S1 é um significante que, se não estiver articulado a outro significante, não quer dizer nada. Há um apelo a um S2, que vem dar sentido ao S1. O sujeito vai se alienar no sentido dado pela fantasia, que passa pela questão: "Que sou para o Outro"? A resposta "Eu sou isso aos olhos do Outro" vai determinar a vida do sujeito. O resultado disso na neurose é que a realidade será sustentada pelo fantasma, garantindo uma satisfação regulada. Esta é, conforme Hebe Tizio¹⁵, a função civilizadora, ou seja, a inclusão do gozo no laço social de maneira sintomatizada.

Para que tudo isso ocorra é preciso que haja da parte do sujeito, um consentimento. Muitas vezes, como no caso do autismo, a criança, por alguma razão, se desconecta do Outro, não chegando sequer a tomar um significante que possa representá-la. Em outras situações, a criança pode se prender a um significante que não serve para representá-la. Como o real da psicanálise é o real da imprevisibilidade do encontro, é o real da contingência, tudo pode acontecer ou não acontecer. Se a criança apresentou dificuldades para alienar-se, isso vai se refletir na separação.

Adela Fryd¹⁶ enfatiza que na clínica deste novo século, é freqüente encontrar crianças que são mais amos que seus pais. Trata-se de crianças ariscas aos significantes que lhes são oferecidos. Apresentam dificuldades com a alienação significativa, optando por uma falsa separação. Quer dizer, ali onde não se pode traduzir, e onde há dificuldade em gerar uma separação, isso será denunciado no corpo. São respostas que vão desde a abulia, até a hiperatividade, passando pela inapetência e todas as variantes possíveis de se fazer objeto para o Outro.

Na clínica atual, a presença e a freqüência desses casos, dizem algo sobre crianças identificadas

à fantasmática do Outro materno. Como não há lugar para a falta, ao haver uma pergunta sobre a mesma, respondem através do eu, com as patologias do ato que denotam uma identificação ao falo imaginizado. Como se produz a constituição subjetiva dessas crianças? A autora considera que embora esses sujeitos tenham uma astúcia para manejar com os significantes do Outro, têm uma grande pobreza no campo do desejo. É exatamente nesse ponto que se dá a aposta analítica para produzir a separação. Os sujeitos podem ter ficado quase coagulados pela marca de um significante que aponta para um sentido e que opera com a força de um nome próprio; a separação é o problema. Essas crianças não aparecem ligadas à fantasia, que enquanto tal é uma resposta à pergunta sobre o desejo da mãe. Faltou enigma, faltou intermediação. A autora recomenda que nos casos de crianças muito pequenas, que se apresentam coladas no Outro materno, o fort-da freudiano será uma orientação ao tratamento, para que ali se constitua algo diferente. Essas crianças na verdade estão alienadas ao capricho da mãe, quer dizer, sem uma passagem pela lei. A mãe toma a criança como objeto precioso e o pai opera como simples parceiro da criança. É preciso que o analista tente instaurar uma falta e convocar o surgimento da demanda. Baseando-se em Miller, a autora insiste que nesses casos deve-se pensar em uma clínica do despertar de um pesadelo. Se o pesadelo desperta é porque algo se impõe, ressoa no corpo e rompe a homeostase.

Notas:

- 1 - Lacan, Jacques- Alocução sobre as psicoses da criança. Proferida em 22 de outubro de 1967. Outros Escritos p.367 Campo Freudiano no Brasil- Jorge Zahar Editor 2001.
- 2 - Ons, Silvia- Faces ambíguas da Infância- Paper n. 7- Boletín Electrónico Del Comité de Acción de La Escuela Una- Scilicet. Versión 2011-2012 [AMP-UQBAR].
- 3 - Laurent Eric (2009): As novas inscrições do sofrimento das crianças. In: A sociedade do sintoma. A psicanálise Hoje: Rio de Janeiro, Contra capa-2007.
- 4 - Lacan ,Jacques (2008): “De un Outro Al outro”. El seminário, libro 16, Bs.As. Paidós p.268
- 5 - Tarrab, Mauricio- “As crianças de Skinner e as soluções químicas. Lacan Cotidiano número 139- Português. [EBP- Veredas] Disponível em www.lacanquotidien.fr
- 6 - Ansermet, François- Tudo imediatamente. In: Correio n. 70 Revista da Escola Brasileira de Psicanálise Dezembro 2011.
- 7 - Tendlarz, Sílvia Elena- La atención que falta y La actividad que sobra. In: DDA, ADD, ADHD como ustedes quieren. El mal real y La construcción social- Gustavo Stigliz (compilador). Grama Ediciones, 2006.
- 8 - Zuliani, Eric- A criança que vem. O indígena. Lacan Cotidiano número 110-Versão em Português. [EBP- Veredas] Disponível em www.lacanquotidien.fr
- 9 - Zuliani, Eric- A criança que vem. Restabelecer um horizonte. Lacan Cotidiano número 115- Versão em Português. [EBP- Veredas] Disponível em www.lacanquotidien.fr
- 10 - Zuliani, Eric- A criança que vem. Os “mesmo a nosso contragosto” silenciosos de uma guerra de discurso. Lacan Cotidiano número 130- Versão em Português. [EBP- Veredas] Disponível em www.lacanquotidien.fr
- 11 - Di Ciaccia, Antonio- Da pedagogia à Psicanálise. In: Estilos da Clínica- Revista sobre a Infância com Problemas ano II- número 2-2 semestre de 1997- USP- Instituto de Psicologia.
- 12 - Miller, J.Alain- Seminário de Orientação Lacaniana. O ser e o Um. 2010-2011 lição VIII
- 13 - Miller, J.Alain- Ler um sintoma- Texto apresentado no final do Congresso da NLS que se realizou em Londres, nos dias 2 e 3 de abril de 2011 sobre o tema do congresso que acontecerá em Tel- Aviv em junho de 2012. Texto estabelecido por Dominique Helvoet, não revisado pelo autor. Tradução para o Português de Maria Cristina Maia Fernandes.
- 14 - Miller, J. Alain- Perspectivas do Seminário 23 de Lacan. O Sinthoma. Jorge Zahar Editor, 2010. Décima lição. p. 166
- 15 - Tizio, Hebe- Novas modalidades de laço social- Texto enviado por e-mail para o Sephora- Núcleo de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Traduzido por Tânia Coelho dos Santos. Disponível em www.nucleosephora.com
- 16 - Fryd, Adela- Crianças Amos- Paper n. 9- Boletín Electrónico Del Comité de Acción de La Escuela Una- Scilicet. Versión 2011-2012 [AMP-UQBAR].